



**Coimisiún na Scrúduithe Stáit
State Examinations Commission**

LEAVING CERTIFICATE EXAMINATION, 2015

PORTUGUESE

HIGHER LEVEL

**Wednesday, 17 June
09:30 - 12:30**

Responda em Português, com clareza e exactidão, a todas as questões propostas nas Partes I, II e III da Prova.

Máximo 100 pontos

Parte I

(30 pontos)

É a vida

Sempre pensei que a literatura me protegesse das misérias do dia-a-dia, a rotina de ir ganhar dinheiro num lado para o gastar noutro, que é a estranha actividade a que todos nos entregamos e que dá pelo nome de trabalho ou, nos dias de menos misérias do dia-a-dia, alegria no trabalho. Na verdade, não protege. A literatura, quero dizer, não protege o suficiente. De modo que numa noite estou a jantar com um dos meus mentores, um daqueles seres que contribuiu para a minha cabeça pelo facto de ter escrito uns quantos livros fundamentais, e no dia seguinte estou a dar marteladas na parede da minha casa, verificando, sob o olhar complacente do pintor, que “o estuque está todo molhado, e apodreceu, e nunca vi nada assim, é uma complicação”. Numa noite estou à beira do mar do Guincho a comentar Tolstoi e Camus e Schubert com George Steiner¹, beliscando-me todo o tempo enquanto penso “isto está realmente a acontecer, estou a ser comentada, revista e corrigida por mr. Steiner ele mesmo” (a crónica segue para a semana, visto que esta semana o estuque deu-me cabo da cabeça e da concentração e a literatura não chegou para me proteger) e noutra, estou ao telefone com o meu amigo engenheiro civil moendo-lhe a cabeça pela quinquagésima vez por causa da tijoleira e do estuque molhado e do cano roto e das infiltrações e das inundações. Numa noite estou a admirar o céu azul-cobalto e as ondas do mar e a provar a santola recheada e a bisque de homard e na outra estou a comer barras de vitaminas e soja porque não tive tempo de jantar (a competente crónica seguirá mais tarde).

Ninguém pode viver assim, esquizofrenicamente situada entre dois mundos como eu. E a literatura ajuda, ajuda mas não protege. Esta do estuque molhado é pior do que receber uma carta das Finanças, coisa que aliás também recebo com uma frequência e uma solicitude que me desvanecem, embora as cartas tenham tendência a provocar-me irritações, todas as cartas e não apenas as das Finanças. Cartas de tribunais e cartas da Polícia, por exemplo, estão quase ao nível do estuque molhado nas irritações que me provocam. (...) Vou escrever uma carta a George Steiner para ver se recebo outra na volta e assim passo a ter uma correspondência mais interessante. Ele deu-me a morada, o nome dele e o colégio universitário onde ensina. Mais nada. O cúmulo da distinção. E Steiner acha que havia um caso verdadeiramente distinto, o de

¹ Pensador e crítico de literatura.

Einstein. Bastava colocar na carta Mr. Einstein, United States, e ele recebia (afinal quantos Einsteins é que há por aí?).

Hoje ao almoço (depois da competente barra de soja e vitaminas) ainda pensei entregar-me a essa actividade extraordinária que dá pelo nome de evasão do quotidiano. Assim, alimentei durante uns minutos a ideia de fugir para parte incerta, o Guincho, por exemplo, com aquele mar e sem a bisque de homard (e sem o George Steiner). Fui prudentemente avisada que, por causa dos feriados (que fazem com que toda a gente julgue fugir do quotidiano sem conseguir, chama-se a isto a grande ilusão) o jornal fechava mais cedo pelo que era melhor deixar o estuque molhado e as marteladas na parede (a violência compensa a impotência) e meter as mãos no teclado do computador enfrentando de uma vez por todas o meu dia-a-dia e fazendo-o com o máximo de alegria. A literatura não me protegia. Na verdade, pelo menos há uns vinte anos, que deixou de me proteger. Quando se começa a ganhar a vida (vulgo trabalhar) começam os prazos e os horários e as obrigações e as atribuições e deixa-se de poder ter um livro para ler e podê-lo fazer (o Pessoa² percebeu isto mal, mas, também, ele nunca teve quotidiano, o único que tinha algum quotidiano era o Bernardo Soares³, os outros sonhavam e concebiam-se como génios, o que é justo tratando-se do Pessoa) pelo que temos de arregaçar e acariciar o estuque molhado das nossas vidas (metáfora, metáfora). E, tratando-se das nossas vidas, concluir que a vida é quase toda, sobretudo em certos dias do sentimento de um ocidental (ia lá deixar o Cesário⁴ de fora), uma neurastenia⁵ e um desejo absurdo de sofrer. Eu por exemplo sempre quis ter a vida do T. E. Lawrence (o da Arábia) e nunca consegui. O máximo que consegui foi escrever sobre ele (e jantar com o George Steiner). Era mais literário. Se a literatura não fosse suficiente para me proteger do quotidiano havia sempre o deserto, e o deserto é o deserto, que diabo, não há quotidiano no deserto, ninguém passa cheques no deserto, não existem empreiteiros civis nem companhias de seguros no deserto. Muito menos cartas das Finanças. Se a literatura me protegesse ia agora mesmo para casa (ah, não tenho casa, lembrei-me agora, estou a viver num hotel, como os Fitzgerald) e pegava nas *ArabianSands* do WilfredThesiger e evadia-me do quotidiano. O pior é que tenho de acabar esta crónica primeiro e fazer pela vida. É a vida, que se há-de fazer? Volto para a semana, espero.

Clara Ferreira Alves, in jornal *Expresso*, *Revista*

² Fernando Pessoa (1888-1935), poeta português do século XX, conhecido pela riqueza da sua poesia.

³ Heterónimo de Fernando Pessoa.

⁴ Cesário Verde (1855-1886), poeta português do final do século XIX.

⁵ Doença mental, dor de cabeça, estado de depressão e tristeza.

Parte I

(30 pontos)

1. Explique por palavras suas, o sentido das seguintes expressões.
 - a) *Mentores* (§ 1);
 - b) *Esquizofrenicamente situada entre os dois mundos* (§ 2);
 - c) *O cúmulo da distinção* (§ 2);
 - d) *Evasão do quotidiano* (§ 3);
 - e) *Fazer pela vida* (§ 3).
2. Como se definem no texto os conceitos de ‘trabalho’ e ‘alegria no trabalho’?
3. O que identifica a autora como aquilo que a protege das dificuldades do dia-a-dia?
4. Explícite o sentido da metáfora “*arregaçar e acariciar o estuque molhado das nossas vidas*”.
5. Porque diz a autora “*Ninguém pode viver assim, esquizofrenicamente situada entre dois mundos*”? Está de acordo com esta afirmação?
6. Explique por palavras suas o significado da expressão “*A vida é (...) uma neurastenia e um desejo absurdo de sofrer*”.

Parte II

(30 pontos)

“Se a literatura não fosse suficiente para me proteger do quotidiano havia sempre o deserto, (...). Se a literatura me protegesse ia agora mesmo para casa (...) e pegava nas Arabian Sands do Wilfred Thesiger e evadia-me do quotidiano.”

Faça um comentário sobre a frase do texto, em cerca de 100 palavras.

Parte III

(40 pontos)

Das duas propostas abaixo apresentadas, escolha e responda apenas a uma.

Comente a frase em cerca de 300 palavras.

Proposta 1

A importância dos livros e da leitura para o espírito humano.

OU

Proposta 2

“Aquele que se contenta com nada é o mais rico dos homens.” (Sócrates)